

Um ponto escuro

» GILMO FRANÇA

Formado em direito (PUC-MS/UDF), pós-graduado em segurança pública (Unitis), professor, escritor e empresário da segurança privada

Não é novidade alguma o fato de que existe um enorme potencial de uma pessoa preta, numa relação de consumidor de produtos de luxo, ser confundida com prestador de serviço do local. Não que isso tenha um condão pejorativo, mesmo porque ter um emprego deve ser algo dignificante para qualquer pessoa. Porém, o que acontece é que a sociedade, estruturalmente, não está acostumada com o que, bem lentamente, está acontecendo: a quebra dos antigos conceitos enraizados que separavam quem serve e quem era servido, exclusivamente, pela cor da pele.

Se você tem mais de 40 anos, é afrodescendente e conseguiu, de uma forma ou de outra, “chegar lá”, certamente vai se identificar com esse e outros relatos de constrangimentos. Essa nova realidade em que a diversidade étnica, minimamente, começa a frequentar estabelecimentos caros, traz certo espanto para os proprietários das empresas que tentam, a muito custo, demonstrar naturalidade. Eventos que outrora eram monocromáticos revelam agora alguns pontos escuros na multidão, aqui e ali. E os empresários pegos pela inocência ou na onda do black consumers matter cometem uma série de gafes, imperceptíveis aos olhos de muitos, mas marcantes para quem as sofre.

Vamos levá-los, pelo menos hipoteticamente, para esse universo de gentilezas agressivas sofridas pela comunidade preta, quando imersa em ambientes que outrora tinham apenas a cor branca como frequentadora possível. Como exemplo, suponha um parque famoso nos Estados Unidos, um circo francês ou mesmo um cruzeiro marítimo, em que são comuns as abordagens “positivas” das minorias presentes, para comporem eventos interativos gratuitos com o público geral. Acontece que, se você é pincelado entre mil pessoas uma única vez, você nem percebe, porém, se você é escolhido “aleatoriamente”; na maioria das vezes que frequenta esses locais, algo de diferente tem que ser observado, ao menos pelos incomodados.

O fato de ser escolhido numa multidão, por estar no lugar certo e na hora certa, com a possibilidade de participar de um espetáculo, interagindo com artistas, palhaços e mágicos... parece ser algo bom e divertido. No entanto, ser literalmente caçado e apenas por ser o diferente do local, servindo como peça exótica para compor o espetáculo, além de constrangedor para o consumidor, retira-lhe momentos essenciais de lazer que a alto custo foi adquirido quando buscou o serviço contratado.

No exato momento dessas incômodas abordagens, os organizadores do evento passam a interferir negativamente na individualidade do consumidor e o que se extrai dessa relação, embora positiva se considerarmos o aspecto geral, é a revelação de que o único



prejudicado foi o escolhido, pois socialmente pressionado não consegue se desvencilhar do assédio. Temos a certeza de que, enquanto não alcançarmos patamares justos e equânimes de oportunidades para todos num cenário mais igualitário, englobando toda a população principalmente de pretos e pardos, essa confusão entre as funções consumidor/prestador de serviços e as desagradáveis seleções propositais vão acompanhar os poucos emergentes que ingressarem nesse ambiente de alto padrão.

Observada de forma asséptica e profissional, a nova relação de consumo se apresenta como enorme oportunidade de publicidade e os empresários mais atentos tendem a explorá-la ao máximo, transformando tudo em interesse de marketing comercial. Então, se se trata de relação comercial que sejam contratados mais atores e funcionários do alto escalão pretos e pardos para suprir essa

necessidade. Usar gratuitamente a figura de um consumidor para auferir vantagem comercial é no mínimo desrespeitoso, uma vez que lhe é subtraída a possibilidade de dizer não frente a uma iniciativa tão “gentil” por parte da empresa.

As escolhas não devem sair do padrão da busca de voluntários entre os que se apresentaram e se prontificaram para tanto. E enquanto ainda não conseguimos esquecer a cor da pele das pessoas, que façamos as separações sem discriminação de qualquer natureza, entre pretos, brancos, vermelhos ou amarelos. Oportunidades iguais para todos já. Por fim, apoiemos as ações que visam mostrar a diversidade na relação de consumo. Elas são indiscutivelmente positivas, no entanto, jamais devem ferir os limites individuais das pessoas, sobretudo das minorias que ali estão emergentes e em condição de fragilidade numérica.

Ensino superior: não há alternativa senão mudar

» WALDEMIRO GREMSKI

Vice-presidente do Conselho de Reitores das Universidades do Brasil (Crub). Foi presidente da entidade entre 2019 e 2021 e reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) de 2014 a 2021

É inadiável para o Brasil rediscutir seu ensino superior em todos os níveis e áreas. O sistema corrente, que hoje inspira a maior parte das instituições de ensino superior (IES) em funcionamento no país, já não dá conta de responder às atuais demandas e necessidades da sociedade. Não cabe mais, em tempos totalmente permeados por tecnologias que se encontram em evolução exponencial, abrangentes e com impacto em toda a sociedade, manter as IES organizadas administrativamente e academicamente tendo como base o modelo industrial do século 20.

Como, então, alinhar as instituições de educação para um mundo automatizado, onde a relação humana com as máquinas cresce a cada dia, no qual tecnologias, como inteligência artificial, internet das coisas, big data, algoritmos, robótica, entre outras, difundem-se de maneira descomunal? Tudo isso, é claro, sem desconsiderar a base que palmilha a universidade: formação cidadã, ética e social, ensino e pesquisa de impacto e relação com a sociedade.

O que se observa em grande parte é que o ensino superior brasileiro ainda não se libertou de um mundo que foi previsível, lento e com tecnologia bastante rudimentar: o mundo dos séculos 19 e 20, no qual imperavam a hierarquia, o planejamento top down e as normas estritas, em que as pessoas renunciavam à sua individualidade por exigência do ecossistema de então.

Nele, o professor atuava como o único protagonista na sala de aula das instituições de ensino, transmitindo saberes prontos e repetitivos. O aluno era passivo. Professor e livro eram as únicas fontes de saber. Não havia interdisciplinaridade. A universidade era hierarquizada, burocrática e estacionada há décadas.

Não foi à toa que Pedro Demo, um dos mais importantes pedagogos do Brasil, já em 1998, escreveu: “(...) e? condição primária desconstruir a imagem de aluno (...) como sendo alguém subalterno, tendente a ignorante, que comparece para escutar, tomar nota, engolir ensinamentos, fazer provas e passar de ano”.

É difícil aceitar que na terceira década do século 21 o alerta do professor Pedro Demo esteja vigendo em grande parte das salas de aula no Brasil, quando ainda esperamos e ansiamos por soluções, leis, regulações e ordens emergentes de palácios e cabeças iluminadas.

Pois bem. Apesar de o modelo do sistema universitário continuar respondendo a muitas demandas e instituições, apoiando-se ainda numa reforma universitária de 1968, esse mundo acabou. O dia a dia ao nosso redor testemunha tal realidade. O mundo previsível do século 20 foi tomado e substituído pelo mundo imprevisível, complexo, fora do controle, instável e com velocidade exponencial. Um mundo Vuca — volátil, incerto, complexo, ambíguo — ou, para utilizar um termo mais atual, um mundo Bani — frágil, ansioso, não linear e incompreensível.

Como constatou o professor Glauco Arbib em comentário de 2018, “o impacto das novas tecnologias digitais sobre a vida das pessoas, das economias e de todas as sociedades pelo mundo afora aumenta de forma muito rápida”. Agora, a remodelagem da vida passa a acontecer em níveis inéditos na história da humanidade. Encontramos, portanto, num momento de inflexão na história.

Tecnologia mais disruptiva a cada dia que passa, poderosa, disponível e veloz. Indivíduo

conectado e com acesso amplificado a diversas informações. É esse o cenário no qual estamos, de autonomia na tomada de decisões. Ao contrário do indivíduo do século 20, que renunciou à sua individualidade por exigência ecossistêmica, o indivíduo do século 21 se tornou autoridade intocável.

Mediante tais mudanças, as instituições devem aprender a lidar com esse novo contexto, de pessoas mais conectadas, livres, com mais informações e críticas. O mundo, afinal, conta com um novo ecossistema. Esse é o caso do Sistema Nacional de Educação Superior — hoje centrado nos estudantes e não nas instituições.

O grande desafio é preparar o estudante para um mundo tão desafiador, cuja evolução tecnológica ininterrupta torna a sua formação rapidamente esgotada em termos de preparo. A pergunta que não cala é: como formar profissionais competentes e cidadãos solidários aptos a enfrentar com naturalidade mudanças disruptivas frequentes e qualificados para solucionar, futuramente, desafios complexos que são desconhecidos no momento da sua formação e que exigirão o uso de tecnologias ainda indisponíveis?

É essa a realidade. Ignorá-la significa retroceder. Que entendamos e leiamos no horizonte o sinal dos tempos. Fundador do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab já afirmou que vivemos “mudanças tão profundas que, na perspectiva da história humana, nunca houve um momento tão potencialmente promissor e perigoso”. Por isso, é inadiável propor um plano nacional de graduação que seja adequado à realidade digital decorrente da revolução 4.0, que marca o século 21, respondendo às demandas e à realidade do país. Essa é a solução.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Um grande passado pela frente

Quem se der ao trabalho de entender o Brasil de hoje terá primeiro que voltar no tempo, para saber como é que chegamos até aqui e, principalmente, buscar pistas que levem a esclarecer em que ponto dessa jornada, desviamos do caminho, e por que o fizemos. De fato, esse não é um país para amadores nem para aqueles que aceitam, com naturalidade, que a história tenha um desencadear retilíneo, obedecendo sempre os movimentos de causas e efeitos. Todo o período pós-redemocratização necessita ser melhor estudado e repensado, sob pena de cairmos nas armadilhas preparadas pelo destino e que ajudamos a armar com nossas próprias mãos.

De repente, a explicação pode ser banal e nos leve a conhecer as forças que nos atiraram até a esse ponto de nossa história e como podemos, agora, sair dessa situação de impasse. O que se sabe, ao certo, é que não podemos esperar resultado diferente do que temos, ao menos que modifiquemos cada um dos elementos dessa fórmula. A começar pelo modelo de representação, que é tanto base de qualquer democracia, quanto também base de sua ruína.

Nesse quesito fundamental, parece que podemos fazer pouco ou quase nada. A razão é simples: demos demasiado poder aos Poderes. E agora eles parecem voltarem-se contra nós. Talvez a explicação e a chave, para esse ponto do nosso presente, em que notamos, de forma definitiva e trágica, a ruptura entre o Brasil oficial e o Brasil real esteja escondidas na simplicidade singela do poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade.

Alterando-se o nome dos personagens e substituindo o verbo intransitivo amar pelo verbo eleger em sua modulação no pretérito perfeito eleger, teríamos, mais ou menos, esse enredo: Tancredo morto elegeru Sarney, que elegeru Collor, que sofreu impeachment e elegeru Itamar, que elegeru FHC, que se reelegeru. FHC foi para casa, Sarney para o Senado, mas antes, FHC elegeru Lula, que se reelegeru e ainda elegeru Dilma, que também se reelegeru. Lula foi para a cadeia. Dilma saiu por impeachment, dando lugar a Temer, que não se reelegeru, mas que elegeru Bolsonaro, que se reelegeru e reeleger, mas que pode ter que passar a faixa presidencial a Lula, feito ficha limpa, à força pelo STF, uma corte que não deveria eleger ninguém. Itamar foi se juntar a Tancredo no além.

Observe que no meio desse caminho, toda essa prosa histórica foi ainda floreada pelos escândalos de corrupção que estouraram em cada um dos governos, seguidas das devidas CPIs e das investidas tanto do Ministério Público, como da Polícia Federal. Os escândalos, transformados em passivos bilionários, foram debitados na conta da população, sendo seus autores, devidamente, salvos nas instâncias superiores.

De repente o país pode vir a eleger Lula, que pelo peso de seu passado, como o maior meliante que esse país já viu, deverá eleger alguém ainda pior, como fez, no passado quando elegeru Dilma. É nessa sequência de sucessões estranhas que devemos buscar entender o presente. O problema é que ao olharmos para o futuro próximo, em outubro vindouro, o sentimento é que temos um grande passado pela frente a ser vivido ou sobrevivido.

» A frase que foi pronunciada

“O vício inerente do capitalismo é a distribuição desigual de bençãos; a virtude inerente do socialismo, a distribuição das misérias.”

Churchill

De volta ao respeito

» O CEF 01 do Paranoá está com a gestão compartilhada. As aulas são ministradas pelo corpo docente da Secretaria de Educação do DF e a política disciplinar é organizada com a colaboração do Corpo de Bombeiros. Os pais estão satisfeitos com o resultado. O melhor desempenho escolar é visível, o que dá esperança de um futuro melhor para as crianças e adolescentes. Veja a foto do momento cívico, no *Blog do Ari Cunha*.

Honra ao mérito

» Recebemos do poeta Nonato Freitas a notícia de que Geraldo Amâncio Pereira, violeiro e repentinista popular, foi eleito para a Academia Cearense de Letras. “Foram quase 130 anos sem um eleito que representasse a cultura popular. Nem mesmo Patativa do Assaré, cuja obra foi estudada na Universidade de Sorbonne, teve seu nome incluído no rol dos imortais da academia”, reforça Nonato.

De repente

» Nonato Freitas lembra que em 8 de julho, Geraldo Amâncio Pereira fará parte da Bial Internacional do Livro que neste ano acontecerá em São Paulo. Vai cantar seus repentinos e estrofes do cordel de autoria do próprio Nonato em homenagem a Rogaciano Leite, em transcorrência do centenário do autor de *Carne e Alma*.

» História de Brasília

Mais adiante, entretanto, na calçada da Novacap, os artigos são expostos à venda no chão, em estado que não condiz com aquele logradouro da cidade. (Publicada em 1/3/1962)